

GUIA PEDAGÓGICO

TRABAHANDO A COESÃO SEQUENCIAL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO POR MEIO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

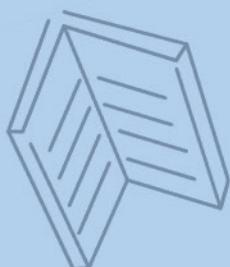


ANA PAULA FERNANDES KLEM
THIAGO SOARES DE OLIVEIRA

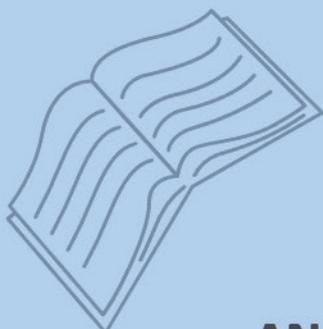
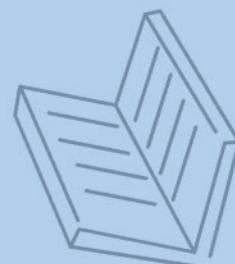
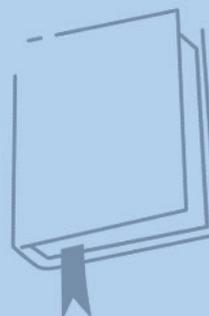


**INSTITUTO
FEDERAL**
Fluminense

**TRABALHANDO A COESÃO SEQUENCIAL NO
ENSINO MÉDIO INTEGRADO**



**GUIA PEDAGÓGICO
1ª EDIÇÃO**



**ANA PAULA FERNANDES KLEM
THIAGO SOARES DE OLIVEIRA**

**CAMPOS DOS GOYTACAZES
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K64t

Klem, Ana Paula Fernandes, 1985-.

Trabalhando a coesão sequencial no Ensino Médio Integrado por meio de uma sequência didática / Ana Paula Fernandes Klem. — Campos dos Goytacazes, RJ, 2022.

39 p. : il. color.

Produto educacional proveniente da dissertação intitulada: Educação Profissional e Tecnológica e Linguística Textual: uma proposta de sequência didática para o curso do Ensino Médio Integrado (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Campos dos Goytacazes, RJ, 2022.

Referências: p. 37.

1. Ensino Profissional - Brasil. 2. Linguística Textual - Ensino. 3. Sequência didática. 4. Educação - Currículos. 5. Ensino integrado - Estudo e Ensino. I. Oliveira, Thiago Soares de, 1986-. orient. II. Título.

CDD 373.27

(23. ed.)

Bibliotecária-Documentalista | Verônica G. Borges Noguères | CRB-7/ 5702

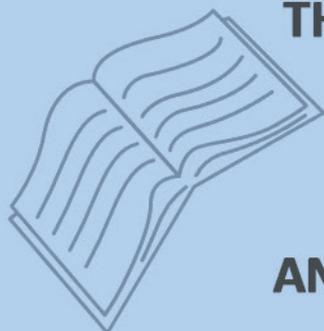
**TRABALHANDO A COESÃO SEQUENCIAL NO
ENSINO MÉDIO INTEGRADO**

EXPEDIENTE TÉCNICO

REALIZAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA – PROFEPT
INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE

AUTORES

ANA PAULA FERNANDES KLEM
THIAGO SOARES DE OLIVEIRA



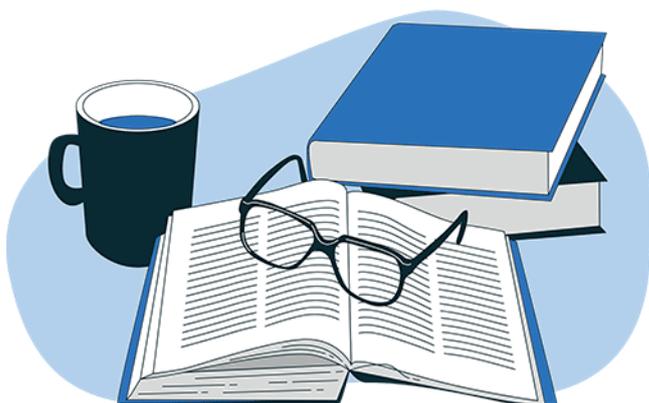
REVISÃO DE TEXTO
ANA PAULA FERNANDES KLEM

PROJETO GRÁFICO
CILMARA SILVA

1ª EDIÇÃO
CAMPOS DOS GOYTACAZES
2022

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	6
2 REVISITANDO A TEORIA	7
2.1 FORMAÇÃO INTEGRAL	7
2.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA	9
3 APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	12
3.1 AULA 1	12
3.2 AULA 2	26
3.3 AULA 3	31
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37



APRESENTAÇÃO

O documento-base da educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio (2007) defende que uma concepção de formação humana, baseada na integração de todas as dimensões da vida no processo educativo, deve almejar a formação omnilateral dos sujeitos. Em outras palavras, defende-se que a educação profissional promova um ensino que não se restrinja aos conhecimentos técnicos relacionados à inserção do indivíduo no mercado de trabalho e possibilite a preparação do estudante, de modo que ele possa refletir criticamente sobre a realidade.

Com a preocupação de promover tais ações, vislumbrou-se uma oportunidade de contribuir com uma prática pedagógica, a partir da elaboração de uma sequência didática (SD) desenvolvida, como produto educacional da dissertação de mestrado de Klem (2022), durante o Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal Fluminense (PROFEPT), para estudantes do segundo ano do Curso Técnico em Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal Fluminense *campus* Campos Guarus.

Após uma revisão bibliográfica, as atividades da sequência didática foram elaboradas e materializadas neste Guia Pedagógico. Em virtude da pandemia do coronavírus, esta sequência didática foi aplicada de forma remota, o que não inviabiliza a sua implementação de forma presencial.

Este guia pedagógico, então, apresenta a seguinte estrutura: apresentação, fundamentação teórica, apresentação da sequência didática, descrição das etapas da sequência didática, considerações finais e referências.

Espera-se que este guia pedagógico possa funcionar como uma ferramenta para promover uma formação mais ampla para os alunos do ensino médio integrado, além de ser mais uma possibilidade de instrumento de atividade para os professores de Língua Portuguesa.



Os autores

A relação entre educação e trabalho é marcada, historicamente, pela dualidade. De um lado, tem-se a educação básica, propedêutica, destinada às elites; de outro lado, o ensino profissionalizante voltado para a preparação de operários para o exercício profissional. A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é pensada a partir de um princípio pedagógico voltado para o trabalho e traz, em sua origem, uma concepção dicotômica e excludente, uma vez que propaga a separação entre o saber e o fazer. Superar essa dicotomia se tornou, então, o grande desafio para aqueles que se dedicam a pensar a EPT. (RAMOS, 2014)

Acácia Kuenzer (2002) tece algumas reflexões em torno da problemática do trabalho na constituição do currículo. Segundo ela, o conceito de trabalho, como parte curricular, deve ser entendido como práxis humana e não somente como práxis produtiva, de modo a tentar superar a dualidade estrutural presente nos currículos dos cursos de educação profissional no Brasil. De acordo com esse ponto de vista, portanto, o trabalho deve ser visto como aspecto inerente à condição humana.

Essa perspectiva vai ao encontro da concepção ontológica do trabalho defendida por Saviani (2007) na qual ele argumenta que o trabalho é responsável por definir a essência humana, uma vez que é impossível para o homem viver sem trabalhar. Segundo esse autor, o homem precisa agir sobre a natureza, de modo a transformá-la e adequá-la às suas necessidades; sem essa intervenção, o homem pereceria. Logo, para ele, nenhuma pessoa poderia viver sem trabalhar. Saviani (2007) defende, ainda, que existe uma relação intrínseca entre as noções de trabalho e educação, visto que o trabalho é a condição para a existência humana e, dessa forma, o homem precisa aprender a trabalhar para garantir a sua subsistência.

Diante disso, é possível afirmar que a relação entre trabalho e educação é de identidade e, por essa razão, toda concepção de educação será sempre voltada para o trabalho (KUENZER, 2002). Partindo dessa perspectiva, torna-se urgente pensar na composição curricular da educação profissional de nível médio. É preciso ter clareza sobre os objetivos e a identidade que se almeja para o ensino médio profissional no Brasil. Sobre esse ponto, Kuenzer (2002) assevera que o principal compromisso do Ensino Médio deve ser educar o jovem para participar crítica e produtivamente do contexto social em que está inserido, de modo a ratificar a ideia de que o principal objetivo das instituições escolares deve ser, conforme Santomé (1998), preparar o cidadão para conviver e intervir no local onde vive de maneira justa e democrática.

Zabala (1998) defende que educar significa formar indivíduos que não se encontram divididos por capacidades isoladas. Para esse autor, a formação integral pressupõe a abordagem de todos os conteúdos, os quais são classificados por ele como: conceituais (aquilo que se deve saber); procedimentais (aquilo que se deve saber fazer) e atitudinais (como se deve ser)¹. Para ele, saber, saber fazer e ser são elementos imprescindíveis e indissociáveis para o desenvolvimento do indivíduo e para a formação integral.

A Base Nacional Comum Curricular (2018), ao abordar os aspectos os quais são almejados para o Ensino Médio, ressalta a importância de se pensar em uma proposta de ensino que favoreça a preparação do jovem para o mercado de trabalho e para a cidadania, sem que isso signifique a profissionalização precária dos estudantes. Segundo o documento, no Ensino Médio, é preciso pensar em práticas pedagógicas capazes de formar sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis, com perspectivas de continuarem aprendendo posteriormente.

Diante disso, pretendeu-se elaborar uma sequência didática (SD), que permitisse a abordagem de aspectos da educação básica, quais sejam: leitura, interpretação de textos e análise crítica da realidade.

Sendo a pesquisadora professora de turmas do segundo ano de Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio, vislumbrou-se, com este guia pedagógico, a elaboração de uma sequência didática que pudesse promover, no discente, a reflexão sobre o mundo do trabalho, o desenvolvimento de uma postura crítica diante da realidade e o estudo de elementos linguísticos os quais serão necessários para a interpretação e escrita de textos de diferentes gêneros.



¹ Zabala (1998) também menciona os conteúdos factuais, mas, para efeito deste trabalho, o enfoque será dado aos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A escolha da sequência didática (SD), como produto educacional desta pesquisa, foi feita em virtude de esta modalidade adequar-se ao objetivo geral deste trabalho: investigar como a leitura e a interpretação de um conto que aborda a temática do mundo do trabalho pode funcionar como um recurso didático-pedagógico no processo de ensino-aprendizagem que estimule a análise crítica da realidade e permita o estudo da coesão e da coerência textual, a partir do conteúdo das conjunções coordenativas e subordinativas, para a disciplina de Língua Portuguesa no Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Meio Ambiente, no Instituto Federal Fluminense *Campus* Campos Guarus.

As atividades pensadas para essa SD encaminhavam o estudante para a produção de um texto dissertativo-argumentativo, com o intuito de estimular a escrita de um gênero textual que não faz parte de seu repertório habitual. Além disso, a partir da escrita de uma redação, é possível promover uma compilação e reflexão dos conteúdos trabalhados e avaliar a sua aplicabilidade na construção do texto. Tal proposta está de acordo com os preceitos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), segundo os quais

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor *um* gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente; sobre aqueles dificilmente acessíveis, espontaneamente, pela maioria dos alunos; e sobre gêneros públicos e não privados. As sequências didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 83, grifo dos autores)

Segundo Zabala (1998, p. 18), a sequência didática representa “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos”. Tal concepção está em consonância com as afirmações de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82), que entendem a sequência didática como um “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

O gênero conto norteou a organização da SD, uma vez que permite a inserção dos aspectos propedêuticos da educação básica, quais sejam: leitura, interpretação e análise crítica da realidade, além de permitir o estudo da coesão e da coerência textual, a partir do conteúdo das conjunções coordenativas e subordinativas. Neste sentido, o conto escolhido foi *O arquivo*, de Victor Giudice, pois aborda uma temática inerente ao trabalho,

mais especificamente ao processo de desumanização que, muitas vezes, o trabalho pode acarretar. Espera-se, com a aplicação desta SD, favorecer os estudos da linguagem em duas vertentes, quais sejam: o estudo das conjunções coordenativas e subordinativas sob a ótica da coesão sequencial e da coerência textual e a reflexão inerente ao mundo do trabalho, a partir da leitura do conto sugerido.

Esta sequência didática foi estruturada em quatro aulas, com duração de sessenta minutos cada uma, realizadas por meio do Google Meet, visto que essa era a plataforma utilizada pela instituição durante o período da pandemia. A organização da SD foi elaborada a partir de objetivos que mobilizaram os seguintes conteúdos, segundo a proposta de Zabala (1998):

- **Conceitual**

Conhecer as conjunções coordenativas e subordinativas e seus respectivos valores semânticos, analisando as suas contribuições para a promoção da coesão e da coerência textuais.²

- **Procedimental**

Exercitar a empregabilidade dos elementos coesivos nos textos de diferentes gêneros e os que foram verificados após a leitura do conto proposto.

- **Atitudinal**

estimular a reflexão, a partir da leitura e análise do conto, em torno do mundo do trabalho, levando o estudante a refletir criticamente sobre sua realidade.

Segue abaixo o quadro com o resumo das atividades propostas.

² O objetivo foi trabalhar as conjunções coordenativas e as subordinativas, porém não se ignora a existência de outros elementos responsáveis pela coesão e coerência textuais.

Quadro 1: Etapas da sequência didática

ETAPAS DE ENSINO	ATIVIDADES PROPOSTAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TEMPO ESTIMADO
AULA 1	Apresentação da proposta; Aplicação do questionário prévio.	Explicar o objetivo das atividades que serão aplicadas na sequência didática.	10 minutos
	Exposição dos conceitos inerentes às conjunções coordenativas e às conjunções subordinativas.	Incitar o conhecimento de recursos coesivos imprescindíveis para a produção de textos.	30 minutos
	Aplicação e correção de exercícios sobre conjunções.	Exercitar os mecanismos de coesão textual com aplicabilidade em textos de diferentes gêneros.	20 minutos
AULA 2	Considerações sobre o gênero conto;	Explicar as características gerais do gênero conto.	10 minutos
	Leitura e análise do conto <i>O arquivo</i> , de Victor Giudice;	Construir a compreensão do texto lido, relacionando as informações explícitas com os elementos implícitos e passíveis de serem inferidos pela leitura do conto; Promover a reflexão em torno das implicações inerentes ao mundo do trabalho.	30 minutos
	Análise sobre as relações coesivas utilizadas no texto e suas implicações para a construção da coerência do conto.	Verificar de que maneira a escolha do elemento coesivo interfere na significação e na construção da coerência do texto.	20 minutos
AULA 3	Debate sobre os aspectos inerentes ao trabalho no Brasil.	Fomentar a discussão sobre os aspectos inerentes ao mundo do trabalho, bem como as dimensões do trabalho na formação humana.	10 minutos
	Elaboração de redação sobre o tema “As novas configurações do trabalho no Brasil”.	Promover uma forma de compilação e reflexão dos aspectos abordados nas aulas anteriores e avaliar o uso dos elementos	50 minutos

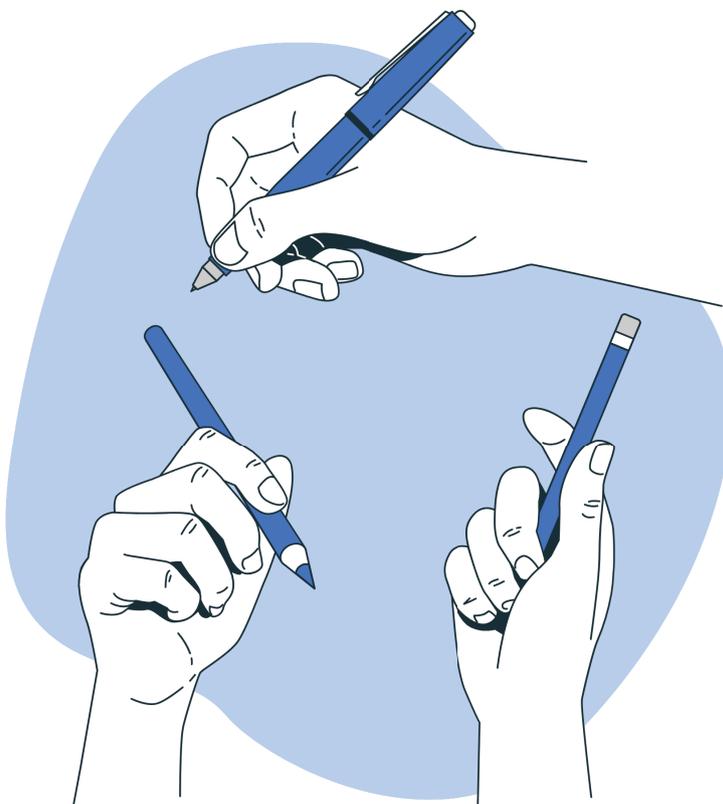
		coesivos na construção da redação.	
AULA 4	Entrega dos textos analisados aos alunos.	Comentar sobre a produção de textos feita pelos alunos.	20 minutos
	Avaliação da sequência didática e autoavaliação, por meio de questionário póstumo	Avaliar a sequência didática aplicada e promover uma autoavaliação dos estudantes.	40 minutos

Fonte: dados da pesquisa.

APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 1

- **Exposição dos conceitos de conjunções subordinativas e coordenativas;**



Quadro 2: conjunções subordinativas

- CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA ADVERBIAL CAUSAL
Ex.: **Porque** queria aprender o conteúdo, o aluno assistiu a todas as aulas remotas.

- CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA ADVERBIAL CONSECUTIVA
Ex.: O aluno estudou com tanta dedicação **que** conseguiu compreender todo o conteúdo.

- CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA ADVERBIAL CONCESSIVA
Ex.: **Embora** tenha participado de todas as aulas remotas, o aluno teve dificuldades para compreender o conteúdo.

- CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA ADVERBIAL CONDICIONAL
Ex.: **Caso** tenha dificuldades para entender o conteúdo, busque esclarecimentos com a professora.

- CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA ADVERBIAL CONFORMATIVA
Ex.: Os alunos devem fazer o trabalho **conforme** as orientações da professora.

- CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA ADVERBIAL COMPARATIVA
Ex.: Agi **como** você agiu.

- CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA ADVERBIAL TEMPORAL
Ex.: **Assim que** recebi o plano de estudos, comecei a estudar os conteúdos de Língua Portuguesa.

- CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA ADVERBIAL FINAL
Ex.: Eu me organizei com antecedência **para que** pudesse estudar todos os conteúdos indicados pelo professor.

- CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA ADVERBIAL PROPORCIONAL
Ex.: **À medida que** estudo com organização, assimilo melhor o conteúdo.

Fonte: elaboração própria

Quadro 3: conjunções coordenativas

3. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

➤ CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA

Ex.: Eu estudei com disciplina e consegui entregar todos os trabalhos dentro do prazo.

➤ CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA

Ex.: Eu estudei com bastante disciplina, mas não consegui entregar todas as atividades dentro do prazo.

Obs.: E = MAS - Conjunção coordenativa adversativa

Ex.: Eu estudei com disciplina e não consegui entregar as atividades dentro do prazo.

➤ CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA

Ex.: Ou você se organiza para estudar, ou não conseguirá entregar os trabalhos no prazo.

➤ CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA

Ex.: O aluno conseguiu entregar todos os trabalhos no prazo, logo deve ter estudado com antecedência.

➤ CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA

Ex.: Faça os trabalhos com antecedência, pois o prazo de entrega não será prorrogado.

Fonte: elaboração própria



- **Aplicação de exercícios para exercitar o conteúdo estudado, de modo a verificar a sua aplicabilidade nos textos**

EXERCÍCIOS - CONJUNÇÕES

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

RETRATO FALADO

⁶Venho de um Cuiabá de garimpos e de ruelas entortadas.

¹Meu pai teve uma venda no Beco da Marinha, onde nasci.

²Me criei no Pantanal de Corumbá entre bichos do chão, aves, pessoas humildes, árvores e rios. Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e lagartos.

³Já publiquei 10 livros de poesia: ao publicá-los me sinto meio desonrado e fujo para o Pantanal onde sou abençoado a garças.

⁴Me procurei a vida inteira e não me achei - pelo que fui salvo.

⁵Não estou na sarjeta porque herdei uma fazenda de gado.

⁷Os bois me recriam.

Estou na categoria de sofrer do moral porque só faço coisas inúteis.

⁸No meu morrer tem uma dor de árvore.

Manoel de Barros. *Livro das ignoranças.*

1. (Uff 2006) O texto "Retrato Falado" traça um perfil poético do eu-lírico, destacando seu modo de ser e seu entendimento do mundo à sua volta. Assinale o fragmento cuja organização sintático-semântica aponta uma relação de consequência e causa, respectivamente.

- a) Meu pai teve uma venda no Beco da Marinha, onde nasci. (ref.1)
- b) Me criei no Pantanal de Corumbá entre bichos do chão, aves, pessoas humildes, árvores e rios. (ref. 2)
- c) Já publiquei 10 livros de poesia: ao publicá-los me sinto / meio desonrado (ref. 3)
- d) Me procurei a vida inteira e não me achei - pelo que fui salvo. (ref. 4)
- e) Não estou na sarjeta porque herdei uma fazenda de gado. (ref. 5)

2. (Acafe 2016) Considerando o termo destacado na frase e a relação de sentido explicitada entre parênteses, **todas** as alternativas estão corretas, **exceto** a:

- a) **À medida que** o tempo ia passando, cada vez mais o grupo se dispersava e o ânimo da torcida baixava. (**relação de proporcionalidade**)
- b) Não escaparia de uma condenação com base no Código Penal por homicídio qualificado **caso** o crime tivesse ocorrido um dia depois, já aos 18 anos. (**relação de condição**)

- c) Dirigia em tamanha velocidade **que**, a qualquer momento, poderia envolver-se em grave acidente. (**relação de consequência**)
- d) Parece incrível, mas a verdade é uma só: tudo, tudo aconteceu **como** tinha sido planejado. (**relação de causa e consequência**)

3. (FMP 2016) A relação lógica estabelecida pela expressão em destaque, nas frases do texto, está explicitada adequadamente entre colchetes em:

- a) “A transformação trazida pela tecnologia, **no entanto**, não pode ser confundida com ruptura com tudo o que havia antes.” [contraposição]
- b) “O respeito aos direitos autorais na era da internet é questão vital **porque** o mercado de CDs só faz encolher.” [finalidade]
- c) “O mesmo raciocínio se aplica à propriedade intelectual de músicas, textos, filmes e quaisquer outras obras, que ganham novas formas de exposição com a internet, **mas** continuam a ter donos.” [condição]
- d) “A agilidade e a onipresença da rede podem — e devem — servir **para** trazer mais recursos ao compositor, e não o contrário.” [causa]
- e) “**Se** as novas tecnologias facilitam o entretenimento e aumentam a oferta de bens culturais a consumidores no mundo inteiro, elas são bem-vindas.” [concessão]

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

COM O OUTRO NO CORPO, O ESPELHO PARTIDO

O que acontece com o sentimento de identidade de uma pessoa que se depara, diante do espelho, com um rosto que não é seu? Como é possível manter a convicção razoavelmente estável que nos acompanha pela vida, a respeito do nosso ser, no caso de sofrermos uma alteração radical em nossa imagem? Perguntas como essas provocaram intenso debate a respeito da ética médica depois do transplante de parte da face em uma mulher que teve o rosto desfigurado por seu cachorro em Amiens, na França.

Nosso sentimento de permanência e unidade se estabelece diante do espelho, a despeito de todas as mudanças que o corpo sofre ao longo da vida. A criança humana, em um determinado estágio de maturação, identifica-se com sua imagem no espelho. Nesse caso, um transplante (ainda que parcial) que altera tanto os traços fenotípicos quanto as marcas da história de vida inscritas na face destruiria para sempre o sentimento de identidade do transplantado? Talvez não. ¹Ocorre que o poder do espelho – esse de vidro e aço pendurado na parede – não é tão absoluto: o espelho que importa, para o humano, é o olhar de um outro humano. ²A cultura contemporânea do narcisismo*, ao remeter as pessoas a buscar continuamente o testemunho do espelho, não considera que ³o espelho do humano é, antes de mais nada, o olhar do semelhante.

É o reconhecimento do outro que nos confirma que existimos e que somos (mais ou menos) os mesmos ao longo da vida, na medida em que as pessoas próximas continuam a nos devolver nossa “identidade”. O rosto é a sede do olhar que reconhece e que também busca reconhecimento. ⁴É que o rosto não se reduz à dimensão da imagem: ele é a própria presentificação de um ser humano, em sua

singularidade irrecusável. ⁵Além disso, dentre todas as partes do corpo, o rosto é a que faz apelo ao outro. ⁶A parte que se comunica, expressa amor ou ódio e, sobretudo, demanda amor.

⁷A literatura pode nos ajudar a amenizar o drama da paciente francesa. O personagem Robinson Crusoé do livro Sexta-feira ou os limbos do Pacífico, de Michel Tournier, perde a noção de sua identidade e enlouquece, na falta do olhar de um semelhante que lhe confirme que ele é um ser humano. No início do romance, o náufrago solitário tenta fazer da natureza seu espelho. Faz do estranho, familiar, trabalhando para “civilizar” a ilha e representando diante de si mesmo o papel de senhor sem escravos, mestre sem discípulos. Mas depois de algum tempo o isolamento degrada sua humanidade.

⁸A paciente francesa, que agradeceu aos médicos a recomposição de uma face humana, ainda que não seja a “sua”, vai agora depender de um esforço de tolerância e generosidade por parte dos que lhe são próximos. Parentes e amigos terão de superar o desconforto de olhar para ela e não encontrar a mesma de antes. Diante de um rosto outro, deverão ainda assim confirmar que ela continua sendo ela. E amar a mulher estranha a si mesma que renasceu daquela operação.

MARIA RITA KEHL

Adaptado de folha.uol.com.br, 11/12/2005.

*narcisismo – amor do indivíduo por sua própria imagem

4. (Uerj 2018) É que o rosto não se reduz à dimensão da imagem: ele é a própria presentificação de um ser humano, em sua singularidade irrecusável. (ref. 4)

Em relação à declaração feita antes dos dois-pontos, o trecho sublinhado possui valor de:

- a) condição
- b) conclusão
- c) explicação
- d) comparação



TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Memórias do cárcere

¹Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos – e, antes de começar, digo os motivos por que silencieei e por que me decido. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, ¹⁶com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa. Além disso, julgando a matéria superior às minhas forças, esperei que outros mais aptos se ocupassem dela. Não vai aqui falsa modéstia, como adiante se verá.

²Também me afligiu a ideia de jogar no papel criaturas vivas, sem disfarces, com os nomes que têm no registro civil. Repugnava-me deformá-las, ⁹dar-lhes pseudônimo, fazer do livro uma espécie de romance; mas teria eu o direito de ⁵utilizá-las em história presumivelmente verdadeira? Que diriam elas se se vissem impressas, realizando atos esquecidos, repetindo palavras contestáveis e obliteradas?

(...)

O receio de cometer indiscrição exibindo em público pessoas que tiveram comigo convivência forçada já não me apoquentava. Muitos desses antigos companheiros distanciaram-se, apagaram-se.

¹⁰Outros permaneceram junto a mim, ou vão reaparecendo ao cabo de longa ausência, alteram-se, completam-se, avivam recordações meio confusas – e não vejo inconveniência em mostrá-los.

(...)

E aqui chego à última objeção que me impus. ¹³Não resguardei os apontamentos obtidos em largos dias e meses de observação: num momento de aperto fui obrigado a atirá-los na água. ⁶Certamente me irão fazer falta, mas terá sido uma perda irreparável? Quase me inclino a supor que foi bom privar-me desse material. ¹⁷Se ele existisse, ver-me-ia propenso a consultá-lo a cada instante, mortificar-me-ia por dizer com rigor a hora exata de uma partida, ¹¹quantas demoradas tristezas se aqueciam ao sol pálido, em manhã de bruma, a cor das folhas que tombavam das árvores, num pátio branco, a forma dos montes verdes, tintos de luz, frases autênticas, gestos, gritos, gemidos. Mas que significa isso? ¹⁵Essas coisas verdadeiras podem não ser verossímeis. E se esmoreceram, deixá-las no esquecimento: valiam pouco, pelo menos imagino que valiam pouco. Outras, porém, conservaram-se, cresceram, associaram-se, e é inevitável mencioná-las.

⁷Afirmarei que sejam absolutamente exatas? Leviandade. (...) ¹⁴Nesta reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, exponho o que notei, o que julgo ter notado. ³Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas: ⁴conjugam-se, completam-se e me dão hoje impressão de realidade. Formamos um grupo muito complexo, que se desagregou. De repente nos surge a necessidade urgente de recompô-lo. Define-se o ambiente, as figuras se delineiam, vacilantes, ganham relevo, a ação começa. ¹⁸Com esforço desesperado arrancamos de cenas confusas alguns fragmentos. Dúvidas terríveis nos assaltam. De que modo reagiram os caracteres em determinadas circunstâncias? O ato que nos ocorre, nítido, irrecusável, terá sido realmente praticado? Não será incongruência? Certo a vida é cheia de incongruências, mas estaremos seguros de não nos haveremos enganado? Nessas vacilações dolorosas, ¹²às vezes necessitamos confirmação, apelamos para reminiscências alheias, convencemo-nos de que a minúcia discrepante não é ilusão. Difícil é sabermos a causa dela, ⁸desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram. Como isso variava em excesso, era natural que variássemos também, apresentássemos falhas. Fiz o possível por entender aqueles homens, penetrar-lhes na alma, sentir as suas dores, admirar-lhes a relativa grandeza, enxergar nos seus defeitos a sombra dos meus defeitos. Foram apenas bons propósitos: devo ter-me revelado com frequência egoísta e mesquinho. E esse desabrochar de sentimentos maus era a pior tortura que nos podiam infligir naquele ano terrível.

GRACILIANO RAMOS

Memórias do cárcere. Rio de Janeiro: Record, 2002.

5. (Uerj 2012) *Não resguardei os apontamentos obtidos em largos dias e meses de observação: num momento de aperto fui obrigado a atirá-los na água.* (ref.13)

O fragmento acima poderia ser reescrito com a inserção de um conectivo no início do trecho sublinhado. Esse conectivo, que garantiria o mesmo sentido básico do fragmento, está indicado em:

- a) porque
- b) embora
- c) contudo
- d) portanto



TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Juventude e participação

Inicialmente, gostaria de destacar que toda avaliação é feita a partir de uma comparação. Neste caso, essa comparação poderia ser feita em duas direções. Uma delas em relação a outras faixas etárias e a outra em relação à juventude de épocas passadas. Em relação à primeira dimensão, me parece que o comportamento político da juventude não seja diferente do de outras faixas etárias. ¹Os que avaliam como baixa a participação política da juventude atual não podem afirmar que seja diferente da participação política das outras faixas. ¹⁰Existem parcelas da população passivas (e entre elas há jovens e também adultos), assim como existem parcelas da população com alta taxa de participação política, e entre elas podemos igualmente identificar jovens e adultos.

Logo, uma comparação entre faixas etárias não nos leva a concluir que seja baixa a participação política da juventude. Agora, em relação à outra dimensão, a comparação entre juventudes de épocas diferentes, podemos constatar diferenças que aparentemente levem algumas pessoas a afirmações do tipo “a juventude atual não está com nada”, “antigamente os jovens tinham maior consciência e atuação política”. E aqui, novamente, ¹¹devemos analisar a questão por partes. Jovens alienados e passivos sempre existiram ao lado de jovens conscientizados e ativos politicamente.

⁹Deve-se reconhecer que ⁵a proporção entre essas duas categorias muda com o tempo, ¹²tem épocas em que a proporção de jovens ativos se amplia e em outras épocas diminui. Mas esse aumento ou diminuição é uma expressão da sociedade como um todo e não de uma determinada faixa etária. Se numa época a parcela de jovens cresce e se torna mais intensa, ⁶é porque esse mesmo fenômeno se manifesta na sociedade como um todo. ²O comportamento juvenil expressa as tendências gerais da sociedade como um todo.

³A grande diferença está nos meios de que dispõem os jovens para desenvolver sua consciência crítica ⁷ou para manifestar sua postura política. Aí, sim, registramos mudanças radicais em relação a outras épocas.

⁴Atualmente, os jovens têm acesso aos meios de comunicação que permitem ampliar a velocidade e a abrangência da transmissão de ideias, o que oferece facilidades nunca antes disponíveis para a expressão política da juventude.

A minha resposta pode parecer otimista ⁸e tenho plena consciência de que ela é. Os jovens da atualidade não são diferentes dos jovens de outras épocas, aceitam ou rejeitam valores, assumem ou não atitudes políticas com a mesma postura dos jovens do passado, a

diferença não está no grau e sim na forma. ¹³Não muda o caminho, muda a forma de caminhar.

LUÍS DE LA MORA

Adaptado de www.cipo.org.br

6. (Uerj 2009) *Deve-se reconhecer que a proporção entre essas duas categorias muda com o tempo, tem épocas em que a proporção de jovens ativos se amplia e em outras épocas diminui.* (ref. 9)

A relação de sentido entre o fragmento grifado e o anterior, neste exemplo, poderia ser indicada pelo emprego do seguinte conectivo:

- a) porque
- b) conforme
- c) no entanto
- d) não obstante



TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Como e porque sou romancista

Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos de costuras, e as amigas para não ficarem ociosas as ajudavam. Dados os primeiros momentos à conversação, ²passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra.

Muitas vezes, confesso, essa honra me arrancava bem a contragosto de um sono começado ou de um folguedo querido; ³já naquela idade a reputação é um fardo e bem pesado.

Lia-se até a hora do chá, e tópicos havia tão interessantes que eu era obrigado à repetição. Compensavam esse excesso, as pausas para dar lugar às expansões do auditório, o qual desfazia-se em recriminações contra algum mau personagem, ou acompanhava de seus votos e simpatias o herói perseguido.

Uma noite, daquelas em que eu estava mais possuído do livro, ⁴lia com expressão uma das páginas mais comoventes da nossa biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços ⁸que rompiam-lhes o seio.

Com a voz afogada pela comoção e a vista empanada pelas lágrimas, eu também cerrando ao peito o livro aberto, disparei em pranto e respondia com palavras de consolo às lamentações de minha mãe e suas amigas.

Nesse instante assomava à porta um parente nosso, o Revd.^o Padre Carlos Peixoto de Alencar, já assustado com o choro que ouvira ao entrar – ⁶Vendo-nos a todos naquele estado de aflição, ainda mais perturbou-se:

- Que aconteceu? Alguma desgraça? Perguntou arrebatadamente.

As senhoras, escondendo o rosto no lenço para ocultar do Padre Carlos o pranto e evitar seus ¹remoques, não proferiram palavra. Tomei eu a mim responder:

⁷- Foi o pai de Amanda que morreu! Disse, mostrando-lhe o livro aberto.

Compreendeu o Padre Carlos e soltou uma gargalhada, como ele as sabia dar, verdadeira gargalhada homérica, que mais parecia uma salva de sinos a repicarem do que riso humano. E após esta, outra e outra, que era ele inesgotável, quando ria de abundância de coração, com o gênio prazenteiro de que a natureza o dotara.

Foi essa leitura contínua e repetida de novelas e romances que primeiro imprimiu em meu espírito a tendência para essa forma literária [o romance] que é entre todas a de minha predileção?

¹Não me animo a resolver esta questão psicológica, ⁵mas creio que ninguém contestará a influência das primeiras impressões.

JOSÉ DE ALENCAR

Como e porque sou romancista. Campinas: Pontes, 1990.

¹remoque: zombaria, caçoada

7. (Uerj 2011) *Vendo-nos a todos naquele estado de aflição*, (ref. 6)

O fragmento acima poderia ser reescrito, com o emprego de um conectivo.

A reescritura que preserva o sentido original do fragmento é:

- a) caso nos visse a todos naquele estado de aflição.
- b) porém nos viu a todos naquele estado de aflição.
- c) quando nos viu a todos naquele estado de aflição.
- d) não obstante nos ver a todos naquele estado de aflição.



TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Ler e crescer

¹Com a inacreditável capacidade humana de ter ideias, sonhar, imaginar, observar, descobrir, constatar, enfim, refletir sobre o mundo e com isso ir crescendo, a produção textual vem se ampliando ao longo da história. As conquistas tecnológicas e a democratização da educação trazem a esse acervo uma multiplicação exponencial, que começa a afligir homens e mulheres de várias formas. Com a angústia do excesso. A inquietação com os limites da leitura. A sensação de hoje ser impossível abarcar a totalidade do conhecimento e da experiência (ingênuo sonho de outras épocas). A preocupação com a abundância da produção e a impossibilidade de seu consumo total por meio de um indivíduo. O medo da perda. A aflição de se querer hierarquizar ou organizar esse material. ³Enfim, constatamos que a leitura cresceu, e cresceu demais.

⁴Ao mesmo tempo, ainda falta muito para quanto queremos e necessitamos que ela cresça. Precisa crescer muito mais. Assim, multiplicamos campanhas de leitura e projetos de fomento do livro. Mas sabemos que, com todo o crescimento, jamais a leitura conseguirá acompanhar a expansão incontrolável e necessariamente caótica da

produção dos textos, que se multiplicam ainda mais, numa infinidade de meios novos. Muda-se então o foco dos estudiosos, abandona-se o exame dos textos e da literatura, criam-se os especialistas em leitura, multiplicam-se as reflexões sobre livros e leitura, numa tentativa de ao menos entendermos o que se passa, já que é um mecanismo que recusa qualquer forma de domínio e nos fugiu ao controle completamente.

Falar em domínio e controle a propósito da inquietação que assalta quem pensa nessas questões equivale a lembrar um aspecto indissociável da cultura escrita, e nem sempre trazido com clareza à consciência: o poder.

Ler e escrever é sempre deter alguma forma de poder. Mesmo que nem sempre ele se exerça sob a forma do poder de mandar nos outros ou de fazer melhor e ganhar mais dinheiro (por ter mais informação e conhecer mais), ou sob a forma de guardar como um tesouro a semente do futuro ou a palavra sagrada como nos mosteiros medievais ou em confrarias religiosas, seitas secretas, confrarias de todo tipo. De qualquer forma, é uma caixinha dentro da outra: o poder de compreender o texto suficientemente para perceber que nele há várias outras possibilidades de compreensão sempre significou poder – o tremendo poder de crescer e expandir os limites individuais do humano.

Constatar que dominar a leitura é se apropriar de alguma forma de poder está na base de duas atitudes antagônicas dos tempos modernos. Uma, autoritária, tenta impedir que a leitura se espalhe por todos, para que não se tenha de compartilhar o poder. Outra, democrática, defende a expansão da leitura para que todos tenham acesso a essa parcela de poder.

Do jeito que a alfabetização está conseguindo aumentar o número de leitores, paralelamente à expansão da produção editorial que está oferecendo material escrito em quantidades jamais imaginadas antes, e ainda com o advento de meios tecnológicos que eliminam as barreiras entre produção e consumo do material escrito, tudo levaria a crer que essa questão está sendo resolvida. Será? Na verdade, creio que ela se abre sobre outras questões. Que tipo de alfabetização é esse, a que tipo de leitura tem levado, com que tipo de utilidade social?

ANA MARIA MACHADO

www.dubitoergosum.xpg.com.br

8. (Uerj 2011) Com a inacreditável capacidade humana de ter ideias, sonhar, imaginar, observar, descobrir, constatar, enfim, refletir sobre o mundo e com isso ir crescendo, a produção textual vem se ampliando ao longo da história. (ref. 1)

O trecho destacado acima estabelece uma relação de sentido com o restante da frase.

Essa relação de sentido pode ser definida como:

- a) simultaneidade
- b) consequência
- c) oposição
- d) causa



TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Recordações do escrivão Isaías Caminha

Eu não sou literato, detesto com toda a paixão essa espécie de animal. O que observei neles, no tempo em que estive na redação do *O Globo*, foi o bastante para não os amar, nem os imitar. ¹São em geral de uma lastimável limitação de ideias, cheios de fórmulas, de receitas, ⁹só capazes de colher fatos detalhados e impotentes para generalizar, curvados aos fortes e às ideias vencedoras, e antigas, adstritos a um infantil fetichismo do estilo e guiados por conceitos obsoletos e um pueril e errôneo critério de beleza. Se me esforço por fazê-lo literário é para que ele possa ser lido, pois quero falar das minhas dores e dos meus sofrimentos ao espírito geral e no seu interesse, com a linguagem acessível a ele. É esse o meu propósito, o meu único propósito. Não nego que para isso tenha procurado modelos e normas. Procurei-os, confesso; e, agora mesmo, ao alcance das mãos, tenho os autores que mais amo. (...) ⁵Confesso que os leio, que os estudo, que procuro descobrir nos grandes romancistas o segredo de fazer. ⁶Mas não é a ambição literária que me move ao procurar esse dom misterioso para animar e fazer viver estas pálidas *Recordações*. Com elas, queria modificar a opinião dos meus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo, a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha há dez anos passados. Tento mostrar que são legítimos e, se não merecedores de apoio, pelo menos dignos de indiferença.

⁷Entretanto, quantas dores, quantas angústias! ²Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem. Cercam-me dois ou três bacharéis idiotas e um médico mezinheiro, ¹⁰repletos de orgulho de suas cartas que sabe Deus como tiraram. (...) Entretanto, se eu amanhã lhes fosse falar neste livro - que espanto! que sarcasmo! que crítica desanimadora não fariam. Depois que se foi o doutor Graciliano, excepcionalmente simples e esquecido de sua carta apergaminhada, nada digo das minhas leituras, não falo das minhas lucubrações intelectuais a ninguém, e minha mulher, quando me demoro escrevendo pela noite afora, grita-me do quarto:

³- Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!

De forma que não tenho por onde aferir se as minhas *Recordações* preenchem o fim a que as destino; se a minha inabilidade literária está prejudicando completamente o seu pensamento. Que tortura! E não é só isso: envergonho-me por esta ou aquela passagem em que me acho, em que ¹¹me dispo em frente de desconhecidos, como uma mulher pública... ¹²Sofro assim de tantos modos, por causa desta obra, que julgo que esse mal-estar, com que às vezes acordo, vem dela, unicamente dela. Quero abandoná-la; mas não posso absolutamente. De manhã, ao almoço, na coletoria, na botica, jantando, banhando-me, só penso nela. À noite, quando todos em casa se vão recolhendo, insensivelmente aproximo-me da mesa e escrevo furiosamente. Estou no sexto capítulo e ainda não me preocupei em fazê-la pública, anunciar e arranjar um bom recebimento dos detentores da opinião nacional. ¹³Que ela tenha a sorte que merecer, mas que possa também, amanhã ou daqui a séculos, despertar um escritor mais hábil que a refaça e que diga o que não pude nem soube dizer.

(...) ⁸Imagino como um escritor hábil não saberia dizer o que eu senti lá dentro. Eu que sofri e pensei não o sei narrar. ⁴Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum, e, sobretudo, pouco expressiva do que eu de fato tinha sentido.

LIMA BARRETO

Recordações do escrivão Isaías Caminha. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

9. (Uerj 2013) Na descrição de sua situação e de seus sentimentos, o narrador utiliza diversos recursos coesivos, dentre eles o da adição. O fragmento do texto que exemplifica o recurso da adição está em:

- a) repletos de orgulho de suas cartas que sabe Deus como tiraram. (ref. 10)
- b) me dispo em frente de desconhecidos, como uma mulher pública... (ref. 11)
- c) Sofro assim de tantos modos, por causa desta obra, que julgo que esse mal-estar, com que às vezes acordo, vem dela, (ref. 12)
- d) Que ela tenha a sorte que merecer, mas que possa também, amanhã ou daqui a séculos, despertar um escritor mais hábil (ref. 13)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Pietro Brun, meu tetravô paterno, embarcou em um navio no final do século 19, como tantos italianos pobres, em busca de uma utopia que atendia pelo nome de América. Pietro queria terra, sim. Mas o que o movia era um território de outra ordem. Ele queria salvar seu nome, encarnado na figura de meu bisavô, Antônio. Pietro fora obrigado a servir o exército como soldado por anos demais (...). ¹Havia chegado a hora de Antônio se alistar, e o pai decidiu que não perderia seu filho. Fugiu com ele e com a filha Luigia para o sul do Brasil. ²Como desertava, meu bisavô Antônio foi levado em um bote até o navio que já se afastava do porto de Gênova. Embarcou como clandestino.

Ao desembarcar no Brasil, em 10 de fevereiro de 1883, Pietro declarou o nome completo. O funcionário do Império, como aconteceu tantas e tantas vezes, registrou-o conforme ouviu. Tornando-o, no mundo novo, Brum – com “m”. Meu pai, Argemiro, filho de José, neto de Antônio e bisneto de Pietro, tomou para si a missão de resgatar essa história e documentá-la.

³No início dos anos 1990 cogitamos reivindicar a cidadania italiana. Possuímos todos os documentos, organizados numa pasta. ⁴Mas entre nós existe essa diferença na letra. ⁵Antes de ingressar com a documentação, seria preciso corrigir o erro do burocrata do governo imperial que substituiu um “n” por um “m”. ⁶Um segundo ele deve ter demorado para nos transformar, e com certeza morreu sem saber. E, se soubesse, não teria se importado, porque era apenas o nome de mais um imigrante a bater nas costas do Brasil despertando de tudo.

Cabia a mim levar essa empreitada adiante.

Há uma autonomia na forma como damos carne ao nosso nome com a vida que construímos – e não com a que herdamos. (...) Eu escolho a memória. A desmemória assombra porque não a nomeamos, respira em nossos porões como monstros sem palavras. A memória, não. É uma escolha do que esquecer e do que lembrar – e uma oportunidade de ressignificar o passado para ganhar um futuro. ⁷Pela memória nos colocamos não só em movimento, mas nos tornamos o próprio movimento. Gesto humano, para sempre incompleto.

⁸Ao fugir para o Brasil, metade dos Brun ganhou uma perna a mais. O “n” virou “m”. Mas essa perna a mais era um membro fantasma, um ganho que revelava uma perda.

(...)

⁹Quando Pietro Brun atravessou o mar deixando mortos e vivos na margem que

se distanciou, ele não poderia ser o mesmo ao alcançar o outro lado. ¹⁰Ele tinha de ser outro, assim como nós, que resultamos dessa aventura desesperada. Era imperativo que ele fosse Pietro Brum – e depois até Pedro Brum.

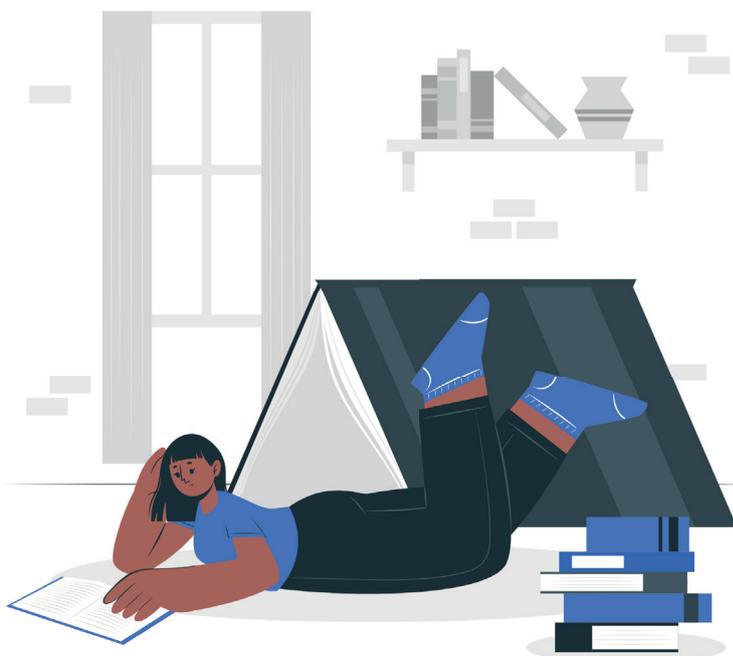
ELIANE BRUM

Meus desacontencimentos: a história da minha vida com as palavras. São Paulo: LeYa, 2014.

10. (Uerj 2017) Como desertava, meu bisavô Antônio foi levado em um bote até o navio que já se afastava do porto de Gênova. (ref. 2)

O trecho sublinhado estabelece com o restante da frase o sentido de:

- a) causa
- b) conclusão
- c) concessão
- d) conformidade



AULA 2

- Algumas considerações sobre o gênero conto;

“Quanto à invenção temática, o conto tem exercido, ainda e sempre, o papel de lugar privilegiado em que se dizem situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo”. (BOSI, 2006, p. 8)

“Se o romance é um traçado de eventos, o conto tende a cumprir-se na visada intensa de uma situação, real ou imaginária, para a qual convergem signos de pessoas e de ações e um discurso que os amarra”. (BOSI, 2006, p. 8)

“Literariamente: o contista explora no discurso ficcional uma hora intensa e aguda da percepção”. (BOSI, 2006, p. 8)

Quanto ao tema, o contista privilegia “situações históricas vistas na sua tipicidade”. (BOSI, 2006, p. 8)

ESTRUTURA DO CONTO

- O gênero literário conto é estruturado como uma narrativa curta que envolve apenas um conflito.
- O ápice da tensão neste gênero é chamado de **clímax**.
- Na construção do conto, existem os elementos da narrativa, que são: foco narrativo, tempo, espaço e verossimilhança.
- Por fim, deve-se destacar que a estrutura do conto é formada por situação inicial, desenvolvimento e situação final.

- Leitura e análise do conto *O arquivo*, de Victor Giudice;

O arquivo

No fim de um ano de trabalho, João obteve uma redução de quinze por cento em seus vencimentos.

João era moço. Aquele era seu primeiro emprego. Não se mostrou orgulhoso, embora tenha sido um dos poucos contemplados. Afinal, esforçara-se. Não tivera uma só falta ou atraso. Limitou-se a sorrir, a agradecer ao chefe.

No dia seguinte, mudou-se para um quarto mais distante do centro da cidade. Com o salário reduzido, podia pagar um aluguel menor.

Passou a tomar duas conduções para chegar ao trabalho. No entanto, estava satisfeito. Acordava mais cedo, e isto parecia aumentar-lhe a disposição.

Dois anos mais tarde, veio outra recompensa.

O chefe chamou-o e lhe comunicou o segundo corte salarial.

Desta vez, a empresa atravessava um período excelente. A redução foi um pouco maior: dezessete por cento.

Novos sorrisos, novos agradecimentos, nova mudança.

Agora João acordava às cinco da manhã. Esperava três conduções. Em compensação, comia menos. Ficou mais esbelto. Sua pele tornou-se menos rosada. O contentamento aumentou.

Prosseguiu a luta.

Porém, nos quatro anos seguintes, nada de extraordinário aconteceu.

João preocupa-se. Perdia o sono, envenenado em intrigas de colegas invejosos. Odiava-os. Torturava-se com a incompreensão do chefe. Mas não desistia. Passou a trabalhar mais duas horas diárias.

Uma tarde, quase no fim do expediente, foi chamado no escritório principal.

Respirou descompassado.

– Seu João. Nossa firma tem uma grande dívida com o senhor.

João baixou a cabeça em sinal de modéstia.

– Sabemos de todos os seus esforços. É nosso desejo dar-lhe uma prova substancial de nosso reconhecimento.

O coração parava.

– Além de uma redução de dezesseis por cento em seu ordenado, resolvemos, na reunião de ontem, rebaixá-lo de posto.

A revelação deslumbrou-o. Todos sorriam.

– De hoje em diante, o senhor passará a auxiliar de contabilidade, com menos cinco dias de férias. Contente?

Radiante, João gaguejou alguma coisa ininteligível, cumprimentou a diretoria, voltou ao trabalho.

Nesta noite, João não pensou em nada. Dormiu pacífico, no silêncio do subúrbio.

Mais uma vez, mudou-se. Finalmente, deixara de jantar. O almoço reduzira-se a um sanduíche. Emagrecia, sentia-se mais leve, mais ágil. Não havia necessidade de muita roupa. Eliminara certas despesas inúteis, lavadeira, pensão.

Chegava em casa às onze da noite, levantava-se às três da madrugada. Esfarelava-se num trem e dois ônibus para garantir meia hora de antecedência.

A vida foi passando, com novos prêmios.

Aos sessenta anos, o ordenado equivalia a dois por cento do inicial. O organismo acomodara-se à fome. Uma vez ou outra, saboreava alguma raiz das estradas. Dormia apenas quinze minutos. Não tinha mais problemas de moradia ou vestimenta. Vivia nos campos, entre árvores refrescantes, cobria-se com os farrapos de um lençol adquirido há muito tempo.

O corpo era um monte de rugas sorridentes.

Todos os dias, um caminhão anônimo transportava-o ao trabalho.

Quando completou quarenta anos de serviço, foi convocado pela chefia:

– Seu João. O senhor acaba de ter seu salário eliminado. Não haverá mais férias. E sua função, a partir de amanhã, será a de limpador de nossos sanitários.

O crânio seco comprimiu-se. Do olho amarelado, escorreu um líquido tênue. A boca tremeu, mas nada disse. Sentia-se cansado. Enfim, atingira todos os objetivos. Tentou sorrir:

– Agradeço tudo que fizeram em meu benefício. Mas desejo requerer minha aposentadoria.

O chefe não compreendeu:

– Mas seu João, logo agora que o senhor está desassalariado? Por quê? Dentro de alguns meses terá de pagar a taxa inicial para permanecer em nosso quadro. Desprezar tudo isto? Quarenta anos de convívio? O senhor ainda está forte. Que acha?

A emoção impediu qualquer resposta.

João afastou-se. O lábio murcho se estendeu. A pele enrijeceu, ficou lisa. A estatura regrediu. A cabeça se fundiu ao corpo. As formas desumanizaram-se, planas, compactas. Nos lados, havia duas arestas. Tornou-se cinzento.

João transformou-se num arquivo de metal.

- Análise sobre as relações coesivas utilizadas no texto e suas implicações para a construção da coerência do conto.

EXERCÍCIOS

➤ Com a leitura do conto “O arquivo”, de Victor Giudice, responda ao que se pede.

1. Classifique as conjunções destacadas nos trechos a seguir, retirados do conto lido.

a) João era moço. Aquele era seu primeiro emprego. Não se mostrou orgulhoso, **embora** tenha sido um dos poucos contemplados.

b) Passou a tomar duas conduções para chegar ao trabalho. **No entanto**, estava satisfeito.

c) Acordava mais cedo, **e** isto parecia aumentar-lhe a disposição.

d) Prosseguiu a luta.

Porém, nos quatro anos seguintes, nada de extraordinário aconteceu.

e) João preocupa-se. Perdia o sono, envenenado em intrigas de colegas invejosos. Odiava-os. Torturava-se com a incompreensão do chefe. **Mas** não desistia. Passou a trabalhar mais duas horas diárias.

f) Chegava em casa às onze da noite, levantava-se às três da madrugada. Esfarelava-se num trem **e** dois ônibus para garantir meia hora de antecedência.

g) **Quando** completou quarenta anos de serviço, foi convocado pela chefia.

2. É possível observar, em alguns trechos, a ausência do conectivo ligando as orações. Porém, a relação de sentido pode ser depreendida pelo contexto. Observe.

Aos sessenta anos, o ordenado equivalia a dois por cento do inicial. O organismo acomodara-se à fome. Uma vez ou outra, saboreava alguma raiz das estradas. Dormia apenas quinze minutos. Não tinha mais problemas de moradia ou vestimenta. Vivia nos campos, entre árvores refrescantes, cobria-se com os farrapos de um lençol adquirido há muito tempo.

- Reescreva o parágrafo acima, inserindo conjunções entre os períodos de modo a garantir o sentido básico do fragmento.



AULA 3

- Elaboração de redação sobre o tema “As novas configurações do trabalho no Brasil”.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “**As novas configurações de trabalho e as relações trabalhistas no Brasil em debate no século XXI**”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO I

Constituição de 1988 consolidou direitos dos trabalhadores

A [Constituição da República Federativa do Brasil](#), que hoje faz 30 anos, trouxe avanços significativos para os direitos dos trabalhadores. Várias garantias já existentes na CLT receberam status constitucional, alguns direitos foram ampliados e outros incluídos. Foi ela que garantiu aos trabalhadores a jornada de oito horas diárias e 44 horas semanais (antes eram 48 horas), o aviso-prévio proporcional, a licença-maternidade de 120 dias, a licença-paternidade e o direito de greve.

Alguns direitos que hoje são comuns nas relações trabalhistas formais são, na verdade, conquistas que resultaram de disputas políticas e incontáveis debates entre entidades patronais e sindicais durante os 20 meses de trabalho da Assembleia Nacional Constituinte, convocada em 1985. Entre eles estão os mecanismos de proteção contra a demissão arbitrária e a redução de salário. A nova Constituição prestigiou as relações coletivas de trabalho, com o fortalecimento da autonomia sindical, e a liberdade de organização, estendida aos servidores públicos. Também tornou constitucional o direito de greve para trabalhadores da iniciativa privada e do setor público.

Formalmente, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 relacionou, no artigo 7º, os direitos dos trabalhadores urbanos e rurais e outros que visem à melhoria de sua condição social. No parágrafo único, listou os direitos assegurados à categoria dos trabalhadores domésticos. No artigo 8º, estabeleceu a liberdade sindical; e, no artigo 9º, o direito de greve.

Disponível em: https://www.tst.jus.br/noticias/-/asset_publisher/89Dk/content/constituicao-de-1988-consolidou-direitos-dos-trabalhadores Acesso em 12 de maio de 2021

TEXTO II

constituição
30
Anos

Artigo 7º da Constituição Federal
São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais além de outros que visem à melhoria de sua condição social:

1 - Emprego protegido		19 - Férias anuais remuneradas
2 - Seguro-desemprego		20 - Licença à gestante
3 - FGTS		21 - Licença paternidade
4 - Salário mínimo		22 - Proteção do mercado de trabalho da mulher
5 - Piso salarial		
6 - Irredutibilidade do salário		23 - Aviso prévio
7 - Salário não inferior ao mínimo para remuneração variável		24 - Redução dos riscos inerentes ao trabalho
8 - Décimo terceiro		25 - Adicional de remuneração para atividades penosas, insalubres ou perigosas
9 - Remuneração para trabalho noturno superior ao diurno		26 - Aposentadoria
10 - Proteção do salário		27 - Assistência aos filhos e dependentes em creches e pré-escolas até 5 anos de idade
11 - Participação nos lucros da empresa		28 - Reconhecimentos das convenções e acordos coletivos de trabalho
12 - Salário-família		29 - Proteção em face da automação
13 - Jornada de trabalho de 8 horas diárias		30 - Ação com limite de 2 anos após a extinção do contrato de trabalho
14 - Jornada de 6 horas para trabalho realizado em turno ininterrupto		31 - Seguro contra acidentes de trabalho
15 - Repouso semanal remunerado		32 - Igualdade de direitos entre o trabalhador permanente e avulso
16 - Remuneração de hora extra		
17 - Proibição de discriminação		
18 - Proibição de trabalho noturno, perigoso e insalubre a menores de 18 anos, e qualquer trabalho a menores de 16 anos salvo na condição de aprendiz a partir de 14		33 - Proibição de distinção entre profissionais
		34 - Proibição de diferença de salário por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil





Disponível em: https://www.tst.jus.br/noticias/-/asset_publisher/89Dk/content/constituicao-de-1988-consolidou-direitos-dos-trabalhadores Acesso em 12 de maio de 2021

TEXTO III

Trabalho informal

A geração de **trabalho informal** é uma característica dos processos de transformação que o trabalho vem sofrendo ao longo dos anos. Essas transformações acontecem devido ao processo de globalização, com novos empregos, novas conexões, interatividade e praticidade.

Com isso, os trabalhos informais possuem características específicas, como a falta de carteira assinada, direitos trabalhistas previstos em lei, auxílios de segurança social, como o auxílio-maternidade, auxílio-doença, entre outros. Dessa forma, trata-se daquela **atividade laboral que não é regulamentada pelo Estado**.

As causas desse tipo de trabalho são as mais variadas. Ele é uma realidade cada vez mais presente na sociedade, principalmente nos países emergentes. Ainda, antes de vermos algumas de suas causas, é necessário entendermos, de forma breve, as diferenças entre desemprego estrutural e desemprego conjuntural.

Desemprego estrutural é aquele que ocorre com a adoção de novas tecnologias em alguma etapa do processo ou em alguma função exercida na cadeia trabalhista. Como exemplos podemos citar a invenção do computador, que deixou sem emprego as pessoas que eram habilidosas com as máquinas de escrever, os datilógrafos.

Já o **desemprego conjuntural ocorre quando há uma crise econômica no país**, seja ela interna ou externa. Esse tipo de desemprego é mais fácil de ser revertido, pois acontece em um momento específico de crise. Quando a situação econômica melhorar, os empregos tendem a voltar.

Com base nisso, podemos citar **os dois tipos de desemprego como uma das causas da informalidade**, uma causa econômica. O trabalhador perde seu emprego e não consegue readequar-se em outra função (desemprego estrutural), ou, em muitos casos, os empregadores decidem substituí-lo por uma mão de obra mais barata quando a situação melhora (desemprego conjuntural).

Outra causa pode ser encontrada na sociedade, uma **causa social**. Muitas pessoas não conseguem uma boa educação, escolarização. Devido a isso, não são qualificadas a candidatar-se a uma vaga formal, o que leva ao emprego formal para garantir seu sustento e de quem mais depender delas.

Podemos citar, também, as **migrações populacionais**. Em muitas situações, pessoas saem de uma localidade em busca de regiões mais desenvolvidas para melhorar sua qualidade de vida. Entretanto, ao chegar a essas regiões, não possuem a qualificação exigida, ou são vítimas de preconceito (xenofobia), e não conseguem o emprego, partindo para a informalidade.

MATIAS, Átila. "Trabalho informal"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/empregos-informais.htm>. Acesso em 12 de maio de 2021.

TEXTO IV

Em dois anos, dobra o número de contratos de trabalho intermitente no Brasil. Modalidade de contratação foi instituída em 2017 com a Reforma Trabalhista. Em 2018, primeiro ano de vigência, trabalho intermitente representou 0,5% das contratações com carteira assinada; já em 2019, 1%.

Por Daniel Silveira, G1 — Rio de Janeiro
12/11/2020

Dados divulgados nesta quinta-feira (12) pelo [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística \(IBGE\)](#) mostram que, em dois anos, dobrou o número de trabalhadores contratados sob a modalidade de trabalho intermitente no Brasil. A Região Nordeste lidera, em proporção, esse tipo de contratação.

Esta é a primeira vez que o IBGE divulga dados sobre o trabalho intermitente. Ele foi instituído no Brasil a partir da Reforma Trabalhista, [que acaba de completar três anos](#). Trata-se de uma modalidade em que o trabalhador é contratado com carteira assinada, mas sem a garantia de jornada mínima de trabalho.

Sob o contrato intermitente, o trabalhador é chamado para o exercício de sua atividade de acordo com a necessidade da empresa que o contratou e, assim, pode ficar meses sem trabalhar e, conseqüentemente, sem remuneração.

Com base no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério da Economia, o órgão apontou que, em 2019, foram registradas mais de 155 mil contratações sob essa modalidade, o que representou 1% de todas os contratos com carteira assinada firmados no país.

O número é superior ao dobro do registrado em 2018, primeiro ano de vigência da nova Lei Trabalhista, quando foram registradas 71 mil contratos de trabalho intermitente, que representaram 0,5% dos contratos com carteira assinada.

Enquanto o número de contratos intermitentes aumentou em 117,5% na passagem de 2018 para 2019, o número total de carteiras assinadas aumentou em apenas 4,6% no mesmo período, o que dimensiona o avanço da nova modalidade de trabalho.

Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/11/12/em-dois-anos-dobra-o-numero-de-contratos-de-trabalho-intermitente-no-brasil.ghtml>. Acesso em 12 de maio de 2021.

TEXTO V

Especialistas analisam o empreendedorismo com otimismo para o ano de 2021

Victor Rosa

22/01/2021

Em 2020 o Brasil atingiu um número recorde de pessoas que iniciaram algum tipo de empreendimento. Segundo a pesquisa do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), 25% da população adulta está envolvida na abertura de um

novo negócio ou com um negócio de até 3,5 anos de atividade. A expectativa é que este crescimento continue em 2021.

Especialistas e empreendedores acreditam que a pandemia do novo coronavírus, na realidade, facilitou que novas pessoas começassem a empreender. Para a jornalista Luciana Amâncio, que trabalha de forma autônoma há cerca de 4 anos, a pandemia trouxe uma situação devastadora de desemprego, mas também abriu o leque de oportunidades para surgir novos empreendedores.

“Acredito que 2020 se tornou um ano de oportunidade para pessoas que se viram desempregadas e começaram a empreender por necessidade e por consequência disso descobriram talentos grandiosos que talvez nunca fossem descobertos. Acredito que 2021 vai ser um ano mais potente neste sentido, ainda mais porque estamos saindo desta situação tão devastadora da pandemia”, pontua Luciana, que trabalha no ramo da assessoria de comunicação.

Luciana comenta que começou a empreender, mesmo sem saber, quando ainda era criança. Aos 12 anos, com vontade de ter seu próprio dinheiro, dava aulas de português e matemática para as crianças mais novas que ela e vendia produtos de catálogos de revista.

Posteriormente, já formada e trabalhando como CLT na equipe de comunicação de uma empresa, a jornalista percebeu que poderia ganhar mais se produzisse para ela.

(...)

Este pensamento de potencializar uma qualidade e ganhar mais em cima disso é uma das principais vantagens de se começar a empreender, segundo a gerente da Unidade de Atendimento Individual do Sebrae Bahia, Fernanda Gretz.

(...)

De acordo com Luciana, é importante não romantizar o empreendedorismo e nem acreditar que é tudo muito fácil.

“Eu tive a bênção de ter uma rede apoio da família - e que não é comum a todo mundo. Mesmo com esta rede de apoio não foi fácil, porque você sai de um campo seguro, como um emprego CLT, para um campo completamente incerto e sua vontade de fazer dar certo é o que mais conta e foi este o principal desafio”, disse a jornalista.

Os especialistas Fernanda Gretz e Matheus Floresta destacam justamente a instabilidade de ganhos e de tempo gasto como uma das desvantagens do empreendedorismo, que não oferece este valor fixo como em um emprego de carteira assinada.

“O empreendedor precisa dedicar uma quantidade de horas que muitas vezes não se tem uma noção antes. É um esforço muito maior de dedicação de horas, muitas vezes sem conseguir tirar férias. Além das receitas, que são com base no trabalho que se faz. Você depende das vendas, de prospectar clientes, de fechar negócios”, aborda Fernanda.

(...)

Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/economia/noticias/2154882-especialistas-analisam-o-empendedorismo-com-otimismo-para-o-ano-de-2021> Acesso em 12 de maio de 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da aplicação da sequência didática, detalhada neste Guia Pedagógico, foi possível constatar que as atividades propostas para estimular a interpretação de textos e o estudo de elementos da coesão sequencial, a partir da leitura de um conto que aborda o tema do trabalho, podem contribuir para estimular a leitura crítica da realidade.

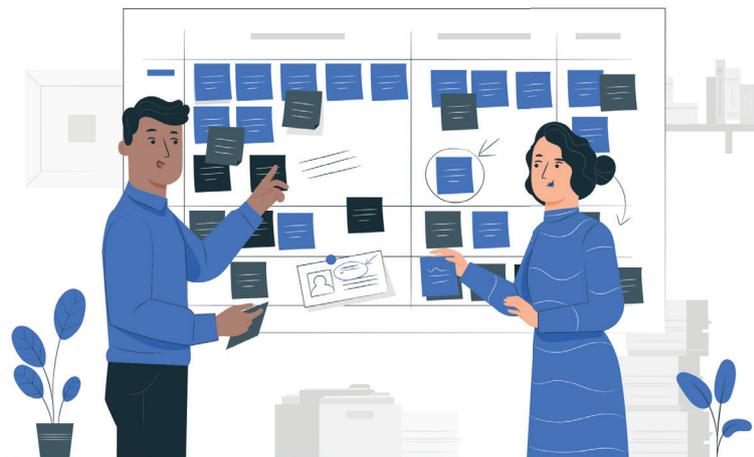
Analisando-se as produções de texto feitas pelos discentes como atividade final da SD, foi possível verificar que o aprendizado do conteúdo trabalhado foi, de modo geral, satisfatório, visto que foi constatado o uso de inúmeras conjunções ensinadas durante as aulas propostas.

Além disso, o tema trabalho, abordado tanto na leitura e análise do conto escolhido para a SD quanto no debate feito em aula, foi mencionado em todas as redações analisadas, evidenciando que as reflexões suscitadas foram assimiladas pelos estudantes.

Percebeu-se, ainda, por parte dos alunos, o interesse no estudo dos elementos de coesão sequencial e o reconhecimento da importância de se conhecer essas estratégias para a escrita de textos de diferentes gêneros, em especial, as redações dissertativo-argumentativas.

Assim, foi possível observar que as atividades propostas, culminando na produção escrita de uma redação dissertativo argumentativa como atividade final de uma sequência didática, pode despertar o interesse dos alunos para a aprendizagem, de modo a contribuir para a análise crítica da realidade e estimular a participação dos jovens nos âmbitos do trabalho e da cidadania.

Espera-se que este Guia Pedagógico possa funcionar como mais uma possibilidade de instrumento de atividade para os professores de Língua Portuguesa.



REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio:** documento base. Brasília, DF, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf. Acesso em: 05 out. 2021.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embraixa_site_110518.pdf. Acesso em: 16 dez. 2019.
- BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo.** São Paulo: Cultrix, 2006.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e para o escrito: apresentação de um procedimento. *In:* SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.
- GIUDICE, Victor. O arquivo. *In:* MORICONI, Italo (Org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 382-384.
- KLEM, Ana Paula Fernandes. **Educação Profissional e Tecnológica e Linguística Textual:** uma proposta de sequência didática para curso do Ensino Médio Integrado. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, 2022.
- KUENZER, Acacia Zeneida (Org). **Ensino médio:** construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2002.
- RAMOS, Marise. **História e política da educação profissional.** Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014.
- SANTOMÉ, J. T. **Globalização e Interdisciplinaridade:** o currículo integrado. Porto Alegre, RS. Artmed, 1998.
- SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12 , n. 34 jan./abr. 2007, p. 152-180.
- ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

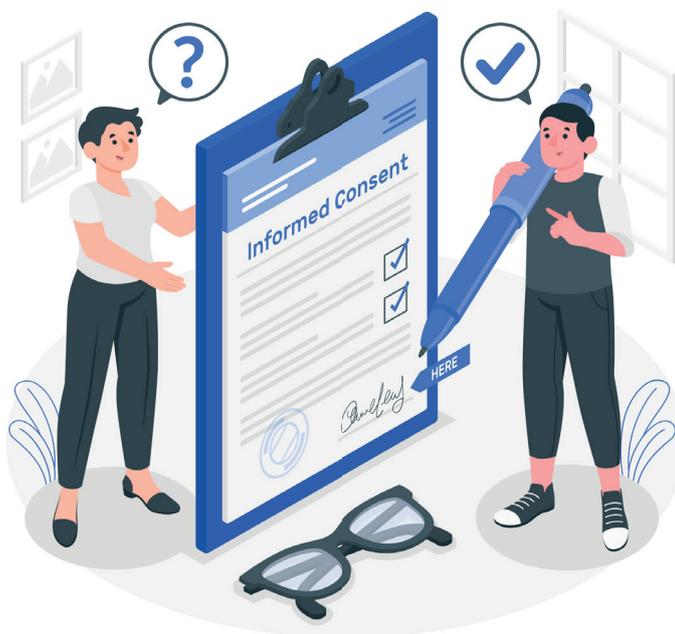
AUTORES

ANA PAULA FERNANDES KLEM

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Faculdade e Insituto Martins. Graduada em Letras (Português e Literaturas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense.

THIAGO SOARES DE OLIVEIRA

Doutor e mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Especialista em Língua Latina e Filologia Românica pela Universidade Cândido Mendes. Especialista em Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Graduado em Letras pela Universidade Castelo Branco. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense.





**INSTITUTO
FEDERAL**
Fluminense